

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



Liberdade religiosa: valorizando as religiões de matrizes africanas

Jaslane Maria Castro¹

Introdução

Esse artigo propõe discutir como se estrutura o preconceito e sua vertente, a intolerância, sendo o principal foco na esfera religiosa. Pretendemos compreender a importância que as religiões de matriz africana possuem na vida que de seus praticantes. Vale ressaltar que priorizaremos as religiões que se formaram a partir de concepções africanas, como o Candomblé e a Umbanda. Faremos uma exposição teórica acerca da intolerância; um breve resumo sobre a umbanda em Goiás no período de 2000 a 2010, e por fim analisaremos o preconceito e a intolerância na cidade de Goiás.

O objetivo geral busca investigar características de intolerância religiosa pela formação sociocultural, pelas diferentes culturas. Os objetivos específicos propõem a importância da identidade cultural na concepção religiosa, africanas, interpretar o sincretismo religioso e focar a prática da intolerância religiosa.

A pesquisa se justifica pelo impacto que a experiência pessoal pode provocar sobre o assunto tolerância e intolerância. A liberdade de expressão religiosa tem sido pesquisada, a fim de buscar conhecimento dos motivos dos conflitos que envolvem toda a sociedade vilaboense.

Tais ações trazem prejuízos às religiões de origem africanas e sempre nos causou profundo incômodo, de forma a pensa em contribuir com os estudos sobre o tema reconhecendo o meu lugar de falar como pesquisadora não praticante das religiões de matrizes africanas. Para que prevaleça a liberdade religiosa, o respeito para com as pessoas negras e para com as culturas de matrizes africanas.

¹Mestranda pelo PROMEP-UEG, bolsista pela FAPEG, especialista em Formação Docente em História e Cultura das Africanidades Brasileira pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Email: jaslanecastro@hotmail.com.

Intolerância e liberdade religiosa

Primeiramente discorreremos sobre o significado da palavra intolerância: conceito formado antecipadamente, sem maior ponderação ou Conhecimento dos fatos; ideia preconcebida, Por extensão: suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões (Ferreira, 1986). O significado da palavra intolerância é o mesmo que ausência de tolerância, característica que corresponde à falta de compreensão ou respeito em relação a algo. Um indivíduo que age com intolerância é chamado de intolerante e tem um comportamento de ódio, por determinada coisa que lhe seja diferente. Ao que se referem à perspectiva social, as pessoas intolerantes são os indivíduos que não respeitam as idéias ou culturas, que sejam divergentes do seu ponto de vista, principalmente pelo fato de não compreenderem as diversidades do qual é formado o universo do outro. A tolerância, que é o oposto de intolerância, é um termo que designa para um sentimento em que um indivíduo considera as diversidades como possuidoras de um nível de dignidade. A intolerância é uma reação mais instintiva do não conhecer do Outro. A intolerância vem da exclusão, da ignorância, do medo, como uma forma de apropriação total da verdade pronta e acabada. Já a tolerância advém da partilha, do reconhecimento e respeito à liberdade do outro indivíduo. Muito instigantes também são as reflexões de Bobbio (1992) que, de certa maneira, retomam a análise histórica dos direitos na busca de uma perspectiva histórica de longo alcance. À dificuldade da convivência de crenças, primeiramente religiosas, depois, políticas.

Hoje, o conceito de tolerância é generalizado para o problema da convivência das minorias étnicas, linguísticas, raciais, para os que são chamados geralmente de 'diferentes', como, por exemplo, os homossexuais, os loucos ou os deficientes. Os problemas a que se referem esses dois modos de entender, de praticar e de justificar a tolerância não são os mesmos. Uma coisa é o problema da tolerância de crenças e opiniões diversas, que implica um discurso sobre a verdade e a compatibilidade teórica ou prática de verdades até mesmo contrapostas; outra é o problema da tolerância em face de quem é diverso por motivos físicos ou sociais, um problema que põe em primeiro plano o tema do preconceito e da consequente discriminação. (Bobbio, 1992, p. 205).

Destacamos ainda a discriminação e o preconceito praticado contra pessoas e grupos que manifestam diferentes crenças ou religiões. Em nosso país, a intolerância religiosa é considerada um crime. A penalidade para este crime pode variar de 12 meses a 03 anos de prisão, juntamente com o pagamento de multa, segundo a

constituição brasileira. No Brasil a lei que diz respeito a esse crime, abarca um maior rigor ao racismo, à ofensa racial e ainda a outros crimes motivados pelo preconceito, tais como as mortes praticadas por esquadrões de morte ou grupos de extermínio e o crime de genocídio em função de nacionalidade, etnia, ou religião. E violência direcionada a um determinado grupo social com características específicas, ou seja, o agressor escolhe suas vítimas de acordo com seus preconceitos e coloca-se de forma hostil contra um particular modo de ser e agir, típico de um e/ou conjunto de indivíduos.

Os grupos afetados por esse delito discriminatório são os mais variados São consideradas minorias sociais aqueles indivíduos que historicamente e socialmente sofreram notória discriminação. O Brasil é um país de Estado Laico, isso significa que não há uma religião oficial brasileira, que o Estado deve se manter imparcial às diferentes religiões, contudo deve resguardar o direito à liberdade de expressão, e crenças de todos. Dados dos relatórios de pesquisas dos direitos humanos de 2015² apontam que nos últimos anos a intolerância religiosa tem crescido de forma alarmante e principalmente quanto às religiões de matrizes africanas, percebendo assim um aumento desta estatística. Segundo a constituição brasileira:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei; Constituição da República Federativa do Brasil de 1988³

Porém, antes de fazer uma discussão no âmbito da intolerância aos cultos ancestrais na cidade de Goiás, expressaremos porque esse processo acontece na

² Participação-social/cnrdr/pdfs/relatorio-de-intolerancia rivi 2015:<<http://www.mdh.gov.br/>> acessado 17/06/2018 16:30

³Constituição da republica federativa do Brasil: texto constituição promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas emendas constitucionais n1/92^a 56/2007e pelas emendas constitucionais de revisão n1 a 6/94-Brasília: senado federal subsecretaria de edições técnicas, 200

sociedade brasileira bem como na sociedade goiana. Entretanto devemos estar a par de que a nossa sociedade brasileira foi estruturada sob um regime de desigualdade que, no caso brasileiro, ocorre desde o período colonial. Sendo assim a desigualdade é um processo de hierarquia de sujeitos. Por motivos variados como cor de pele, textura de cabelo, formato do corpo e outros mais que, somados, levam a sociedade a colocar o sujeito em posição superior ou inferior, como se todos tivessem em uma linha evolutiva, conforme o critério adotado as pessoas vão ocupando posições de maior ou menor destaque. Se formos analisar profundamente o processo de escravidão brasileira notaremos que a escravidão já existiu em diversas sociedades, porém com a entrada do negro neste mercado sombrio a escravidão passou a ter cor porque houve uma busca por escravo negro. A partir de 1500 no Brasil a escravidão passou a ter cor:

No fim do século XVII, ao se falar de escravo, pensava-se em negro. Ficava para trás o tempo em que nas listas da escravaria do sul da Europa tinham destaques árabes, armênios, berberes, búlgaros, circassianos, eslavos, gregos e turcos, e em que os negros eram minoria nas populações escravas das Américas (SILVA 2011, p. 579).

Devemos perceber como a desigualdade foi e é historicamente constituída, pois somos todos seres humanos diferentes e vivemos em uma sociedade que é totalmente injusta e perversa, que necessita fazer reparos a essas injustiças. Mas como podemos reparar essas injustiças? De forma que somos indivíduos culturais e nossas demandas certamente serão diferentes. Ao falar-se em liberdade religiosa, portanto, coloca-se em evidência a liberdade de expressão perante todas as formas de religiosidades. Levando-nos a pensar o que é religião? É um culto que aproxima o homem das entidades, “deuses” a quem são atribuídos poderes sobrenaturais. Religião é também um conjunto de princípios, crenças e práticas de doutrinas religiosas, baseadas em livros sagrados, que unem seus seguidores numa mesma comunidade moral. Crença na existência de um poder ou princípio superior. Todas as religiões têm os seus fundamentos, algumas se baseiam em diversas análises filosóficas, que explicam o que somos, porque viemos ao mundo e etc. Para Durkheim (1996, p. 4):

Uma noção tida geralmente como características de tudo o que é religioso é a de sobrenatural. Entende-se por isso toda ordem de coisa que ultrapassa o alcance de nosso entendimento, o sobrenatural é o mundo do mistério, do

incognoscível, do incompreensível. A religião seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo o que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro.

Assim, a liberdade de crença é ter liberdade de escolha da religião, a liberdade de aderir a qualquer seita, a liberdade e direito de mudar de religião, tudo pensando no limite de até onde podemos prejudicar a liberdade de outro indivíduo. De modo, supõe-se que, quando o indivíduo insulta os valores religiosos de outro, está atacando seus princípios mais profundos, agredindo sua individualidade. Por mais que exista uma lei que ampare as pessoas em manifestar suas opiniões acerca de crenças, não é cabível que a devoção de um determinado grupo possa afetar o outro, incluindo todos os elementos calcados na fé, de forma alguma pode ser desmoralizada. Na tentativa de defender seus valores, alguns indivíduos se comportam de forma violenta. Assim percebemos a intolerância religiosa de modo que as ações ofensivas vem ser referente ao outro. Podemos observar a privação de liberdade religiosa em diversas formas comportamentais em diversos lugares e indivíduos, assim a tolerância é um aprendizado que requer o reconhecimento do outro.

A constituição da Umbanda no Brasil

No que tange à caracterização do debate acadêmico, já consolidado acerca da religiosidade brasileira, essa parte da pesquisa foi dedicada à leitura, interpretação e discussão de textos acadêmicos, em sala de aula, artigos, monografias e teses que abordassem sobre o tema do campo religioso brasileiro, dentre elas podemos destacar o artigo de Prandi: “O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso”, e monografias como “A Umbanda e o Candomblé como forma de resistência negra na Cidade de Goiás”, 2003, Amaral. Desta maneira, as leituras selecionadas tratavam sobre o candomblé e a umbanda e também algumas entrevistas que direcionaram a pesquisa.

De acordo com Reginaldo Prandi (2004) a umbanda é uma religião brasileira, que sintetiza vários elementos das religiões africanas, ameríndia e cristãs, porém sem ser definida por eles. Formada no início do século XX no sudeste do Brasil, a partir da síntese com movimentos religiosos como o Candomblé, o Catolicismo e o Espiritismo, a Umbanda é uma mistura sincrética que combina o Catolicismo, a tradição dos orixás

africanos e os espíritos de origem indígena. Na virada século XIX para o XX, enquanto os cultos africanos tradicionais ocorriam, nascia uma nova religião no estado do Rio de Janeiro que denominava Umbanda, do qual viria a ser uma síntese do candomblé de banto e caboclo. Direto do seio da Bahia para o Rio de Janeiro no século XIX entrando para o século seguinte, baseado no espiritismo kardecista recém-chegado da França, com a promessa de ser a grande religião afro-brasileira fazendo-se universal em todo território brasileiro, a umbanda traz em sua constituição uma junção do catolicismo, orixás, kardecismo e religiões indígenas.

Preservados em seus nascedouros brasileiros, uma nova religião se formava no Rio de Janeiro, a umbanda, síntese dos antigos candomblés bantos e de caboclo. Transplantados da Bahia para o Rio de Janeiro, na passagem do século XIX para o XX, com o espiritismo kardecista, chegado da França no final do século XIX. Rapidamente disseminada por todo o Brasil, a umbanda prometia ser a única grande religião afro-brasileira destinada a se impor como universal e presente em todo o País (Prandi, 2004, p. 223).

Nogueira corrobora com mais precisão:

Segundo este “mito fundador”⁴, defendido pela maioria dos autores, umbandistas ou não, que se dispuseram a analisar suas origens, a Umbanda teria nascido no início do séc. XX em um centro espírita kardecista de Niterói, estado do Rio de Janeiro, tendo sido revelada pelo espírito de um Caboclo incorporado em um médium chamado Zélio Fernandino de Moraes. Em alguns relatos, são fornecidos até mesmo a data exata em que tal fato teria ocorrido: 15 de novembro de 1908 (Nogueira, 2009, p. 60).

Deste modo, em geral, o que foi a base para o que hoje temos considerado em termos de religiões de matrizes africanas no Brasil, a mistura dos santos presentes no catolicismo, produzindo um sincretismo, os elementos da cultura negra se universalizaram entrando na sociedade, de forma que volta às origens negras transformando também o candomblé em uma religião para todos, passando por um processo de busca da África para ter finalmente sua liberdade em relação ao catolicismo.

Em resumo, ao longo do processo de mudanças mais geral que orientou a constituição das religiões dos deuses africanos no Brasil, o culto aos orixás

⁴ O “mito fundador” da Umbanda começa a circular no país a partir da década de 1970, após a morte de seu idealizador, o médium Zélio Fernandino de Moraes. Embora aceito pela comunidade umbandista e alguns estudiosos, vários pesquisadores apontam que a história de formação da Umbanda é muito mais ampla e complexa do que este mito faz parecer, e ela teria surgido a partir de um longo processo de formação que teve origem em vários focos e não apenas um único fundador. Sobre isto ver Nogueira, 2017.

primeiro misturou-se ao culto dos santos católicos para ser brasileiro, forjando-se o sincretismo; depois apagou elementos negros para ser universal e se inserir na sociedade geral, gestando-se a umbanda; finalmente, retomou origens negras para transformar também o candomblé em religião para todos, iniciando um processo de africanização e dessincretização para alcançar sua autonomia em relação ao catolicismo. (Prandi, 2004, p. 224).

Os primeiros dirigentes da Umbanda, por sinal, só admitiam o trabalho com os espíritos (caboclos, crianças, preto-velho), não era tolerado manifestações dos orixás. Como religião que se representava como nacional, assumindo o discurso do sincretismo, a umbanda acentuava em seu panteão de entidades, uma representação conciliadora do negro e do índio, totalmente “domesticados”. O índio é representado como forte e valente. Já o negro, sempre como um sábio conselheiro e muito familiar à casa-grande. Na Umbanda do início do século XX, os Exus não eram bem vistos e ainda na atualidade continua a ser da mesma forma (Prandi, 2005).

Na atualidade as mudanças que ocorrem nestas religiões são por conta de seu crescimento, o que as leva à necessidade de competir com outras religiões não africanas. Não difere das religiões baseada no cristianismo no que se refere à valorização por parte dos adeptos. Segundo dados que nos fornece o IBGE uma perspectiva sobre a religião na cidade de Goiás segundo fontes do censo 2010. Das religiões destaques na cidade de Goiás, a católicas apostólicas romanas e evangélicas somadas eram 21,928 enquanto as espíritas e de matrizes africanas juntas possui apenas mais ou menos 550 pessoas, e nesta declaração de pessoas católicas estão às pessoas de religiões de matrizes africanas também ficando subentendido o medo de se auto declara como adeptos de religiões de matrizes afro no intuito de se resguardar, dos olhares acusadores da sociedade VILABOENSE. No que diz respeito ao quadro nacional nos últimos anos houve um aumento em relação aos declarantes de religiões de matriz africana, porém ainda existe um longo caminho a ser percorrido para chegarmos ao resultado satisfatório, prevalecendo:

Era de se esperar, contudo, que o novo clima de liberdade religiosa que se respira cada vez mais entre nós, assim como inovações introduzidas por recentes movimentos de africanização e dessincretização das religiões afro-brasileiras, contribuísse no sentido de tornar a dupla identidade religiosa sincrética menos frequente. Muitas lideranças afro-brasileiras têm de fato se empenhadas em lutar pelo apagamento das vinculações identitárias do candomblé e da umbanda com o catolicismo e o espiritismo. (Prandi, 2003, p. 17).

Por causa do preconceito e da intolerância, ao longo dos anos notou-se essa recusa ao se declarar umbandista, candomblecista, ou que seja de religião de matrizes africanas. O medo, talvez seja um dos motivos. Podemos ver como uma forma inteligente de sobrevivência e de resistência principalmente. Mas quais seriam as causas do preconceito? Apesar de não nascermos racistas podemos nos tornar cheios de preconceitos, ao vermos o outro como inferior. Ao questionarmos as causas dos preconceitos, chegamos a um dos pontos de extrema necessidade de análise, quando nos deparamos com essa situação é o momento em que descortina a “política do medo”. Um ser capaz de julgar e cometer os mais diversos absurdos é intitulado como preconceituoso. Esse medo que nos faz perceptivos às diferenças, nos torna agressivo, A diferença apreendida é olhada e pesada por nós como esquisita, exótica e intolerável. As diferenças podem nos surpreender escandalizar e até encantar. Porém essas diferenças étnico-culturais tendem a provocar tensões, desconfiança, medo e pânico. Ao abordarmos sobre o preconceito religioso, não podemos deixar de citar as raízes deste preconceito, que pode ser as raízes da inferioridade, da falta de conhecimento, do medo, da tensão psíquica e da intolerância. Sabemos que o medo pode provocar violência, um elemento que não podem ser dissociados da natureza humana quando se sentem ameaçados. Quando o homem começou a manifestar suas crenças em sistemas mais ou menos organizados, essa agressividade visceral passa a ser aliviada pelo ritual. Em geral, a prática religiosa é permeada por atitudes positivas: o exercício da caridade, o respeito ao outro, o diálogo, a valorização da ética, a partilha, entre outros. No entanto, todas as religiões se baseiam em uma ideologia restrita e um dos seus pilares de construção é a crença do grupo em certos valores.

No âmbito das religiões afro-brasileiras, sempre há mudanças, pois em todo tempo a mudança esta ocorrendo, até mesmo na cultura. Algumas para legitimar as verdades antigas, havendo sempre a busca de um passado anterior que se perdeu. Essa religião é fundada na tentativa de restaurar o que foi perdido. Hoje não se pode buscar apenas uma identidade, mas tem que haver uma busca pelas identidades. A cultura negra só se preservou, historicamente, pelo resistir dos negros ao longo dos anos. Os criadores das religiões afro-brasileiras foram negros das etnias nagôs ou Iorubas, em especial a região dos Lagos, Oió, Queto, Ijexá, Egbá e dos Fons. Desta

forma ao adentrarmos no âmbito da memória, ao falarmos da memória herdada pelos antepassados, uma memória transmitida ao longo de gerações, há padrões de identidade mútua, onde negros e brancos a compõem. Um processo dinâmico da rememorização formando os afrodescendentes.

Nesta perspectiva a “a historia do terreiro”, que é sempre uma historia oral, aparece como algo dado sem atentar-se para o fato de que aquilo que é retido pela memória e apresentado no discurso como a “historia do terreiro” constitui versões que, não sendo necessariamente falsas ou verdadeiras, são elaboradas dentro de determinados marcos que induzem e orientam recortes e seleções do que será realçada ou desenfaticado (Dantas, 1982, p. 38).

Quando falamos da identidade africana, é uma necessidade de rememorar e até certo ponto reinventar o passado, através das religiões remetendo a suas origens, origens essas que são de África. Ressaltando ser a memória um ponto central, onde as representações de vida estão focadas na experiência de cada grupo, são essas representações que facilitam e trazem à tona o mundo cultural, em um processo memorável trazendo a magnitude das culturas do passado. O grupo resiste com toda sua força e mantém suas tradições, ocorrendo vários efeitos. Acontece, assim, um equilíbrio entre o antigo e o novo, como é o caso das religiões afro-brasileiras, que sobrevivem cercadas de vários preconceitos.

Assim, a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento (...). Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação e vê-la como um processo em andamento (Hall, 2006, p. 39).

Muito do que permaneceu da memória coletiva ainda viva transformou-se em fundamentos religiosos. Há nos terreiros o cultivo de suas origens, porém elas não pertencem apenas aos afrodescendentes. Os antepassados são lembrados de formas distintas nos terreiros, não são somente os heróis, são também os fundadores da religião. Somente partes dos mitos serão lembradas coletivamente e incorporados nas celebrações. Os costumes que sobreviveram à escravidão são reinterpretados como práticas desta religião. Então, a memória e a identidade, cabíveis no Brasil de hoje são a simbolização da África, uma memória recriada da nova vida obtida no Brasil para os negros/negras.

Intolerância religiosa na cidade de Goiás

A contemporaneidade do nosso tema nos possibilita buscar uma dimensão viva da história oral, permitindo trazer à tona as memórias de uma sociedade estudada. Nesta linha de estudo da história oral podemos entender a memória como a presença do passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Não é somente a lembrança de um indivíduo, mas inserido em um contexto de um determinado grupo social Halbwachs (2004, p. 85). Existe um consenso no meio acadêmico em classificar a mesma como uma metodologia de pesquisa (Alberti, 2005, p. 155): “a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, Baseadas nestas metodologias utilizamos fitas e gravadores para a devida pesquisa”. Esse trabalho foi possível após transcrições das entrevistas. No entanto, não nos foi permitido por parte dos entrevistados fazer as transcrições na sua totalidade. Após as transcrições foram analisadas as fontes orais como qualquer outro documento, tirando as evidências e os elementos que contribuirão para desenvolver nosso problema de pesquisa, possibilitando trazer à história da cidade de Goiás, como sujeitos e/ou testemunhos que, de certa forma, foram excluídos. Porém aqui neste momento será preservado a identidade dos entrevistados e sua localização, por pedido dos mesmos. Para melhor entendimento os entrevistados serão identificados como A B e C.. De posse destas informações fizemos análises das entrevistas comprovando deste modo a existência do preconceito e da intolerância em relação às religiões afro. Que muitas vezes são negadas pelos os moradores da mesma. Desta forma, o preconceito é tão forte que ao entrevistarmos uma das pessoas que faz parte do centro de umbanda “CASA GRANDE” um centro próximo à escola mais conhecida na cidade como “VILA ESPERANÇA”, ela nos relata a existência do preconceito que está presente na cidade de Goiás.

Eu e nós todos, por exemplo, aqui na Vila Esperança já acha que a gente, que nós somos macumbeiros, mas aqui é... A equipe de educadores é... Não são todos umbandistas ou candomblecistas, aqui tem Umbandistas, tem candomblecista, têm evangélicos, tem católico e tem quem não segue nenhuma religião, porque a gente acredita que falar com Deus é com o coração... Teve muita gente que tirou criança da escola por causa disso, porque aqui é macumbeiro, né... Já teve muito nesse sentido (Entrevistada A).

Sabemos que apenas a educação não pode sozinha transformar uma sociedade com problemas sociais culturais, porem pode ser um dos caminhos para se chegar ate um lugar onde seremos livres para escolher. Enfim. O entrevistado B declara nas suas falas:

As pessoas se autossugestionam que tem alguém, é... Fazendo alguma coisa pra ela ou que fizeram alguma coisa pra ela e que nem sempre é fácil sair disso. É claro que problemas espirituais existem sim, mas muitos casos coisas que foram construídas. E hoje, há hoje a sociedade tem certa dificuldade de sair disso, mas a falta de esclarecimento, a falta de acompanhamento, mesmo o acompanhamento religioso, né (Entrevistado B).

Então neste sentido, o candomblé e a umbanda são práticas religiosas que não são muito divulgadas, pois tem um seguimento diferenciado das religiões das grandes massas, e quando são, ocorrem de maneira pejorativa, discriminatória e distorcida. Elas não são donas dos grandes veículos de comunicação de massa. Temos como exemplo um caso bastante expressivo que ocorrera na cidade de Goiânia no ano de 2003, que demonstram como a intolerância está presente em nossa sociedade e pode fazer um grande estrago na vida das pessoas, que são por diversas vezes perseguidas por grupos neopentecostais que se acham como donos da verdade absoluta pronta e acabada. Este caso ficou conhecido como “episódio Vaca-Brava” (Nogueira, 2009). Essa exposição com estátuas veio nos mostrar o quanto nossa sociedade está repleta de seres preconceituosos. Logicamente que todos temos direito de manifestar nossas ideias, porém sempre deixando evidente que devemos respeito ao direito do outro. Por causa das tradições de seus antepassados que faziam cultos nas matas e cachoeiras, as religiões afro-brasileiras foram muitas vezes relacionadas ao ocultismo. E como nos falou o senhor C: “A religião hoje em torno do Espiritismo é muito fraca, porque o povo não divulga, porque tem um medo dela, porque acha que é uma bruxaria, e por ela acha que é uma bruxaria, muita falta de conhecimento, não divulga ela” (Entrevistado C). A falta de divulgação por seus próprios praticantes pode acarretar uma série de prejuízos para as religiões de matrizes africanas Sem esta divulgação, surge à falta de conhecimento ou conhecimentos distorcidos, crescendo. Ainda por cima, provoca um grave processo de exclusão cultural. Nestes termos destacamos um ponto de convergência entre os entrevistados. Eles concordam que a falta de conhecimento é uma motivação forte para o preconceito

religioso. Assim, a entrevista foi pautada pelo entrevistado C, como as pessoas que desconhecem por não haver uma preocupação em divulgar amplamente a religião afro-brasileira. As pessoas ficam, assim, na ignorância, o que provoca as atitudes preconceituosas.

Mas a falta de esclarecimento, mesmo um acompanhamento, mesmo um acompanhamento religioso, né, porque há pessoa que tem uma expe... Uma experiência religiosa... É [...] que ela procura trabalhar o espírito, pra paz e uma espiritualidade, que não rege a racionalidade reflexiva, né [...] bem elaborada, nem sempre ela cai nesse, nesse turbilhão de espiritualismo, que muita das vezes, complica na vida das pessoas. (Entrevistado C).

Dentro das causas que propagam o preconceito, podemos citar muitas pessoas à procura de algo que não é possível realizar. Em vez de procurar a solução de outra maneira, chegam ao terreiro achando que lá irão resolver problemas de amor e traição, por exemplo, porque as pessoas estão procurando resolver os problemas em poucos dias, e não encontrando, acusam de “charlatanismo”! Ficam decepcionadas, passando a depor contra as religiões de matriz africana. Além dos indivíduos que já foram membros de alguma religião de matrizes que dão seus testemunhos de forma negativa em relação à religião das quais um dia pertenceram,

Olha, medo, muitas vezes por achar que ta procurando, uma ajuda pro mal, que sempre pensam que vão pensar que está indo num terreiro sempre por causa duma macumba ou feitiço. Isso, uma das coisas. E tem medo, eu no meu ponto de vista, a maioria das pessoas. O medo delas é porque há, é freqüenta lugares que realmente dão medo [...] (Entrevistada A).

Um dos pontos divergentes das entrevistas é quando um dos entrevistados fala que a Umbanda não está ali para resolver problema de dinheiro ou de traição ou mesmo de amor; está para apontar direções na vida. Enquanto outro entrevistado afirma que a Umbanda é um subterfúgio para as pessoas resolverem problemas de infidelidade conjugal, que são muitas vezes desviadas de seu foco original.

Considerações Finais

Expondo o tema ao longo da história, muitas perguntas foram suscitadas para obtermos conhecimentos sobre a religião, ainda havendo várias interrogações. A relevância deste trabalho é investigar como o preconceito é visto pela sociedade vilaboense e quais seriam as causas que levariam as pessoas a agirem de forma preconceituosa com relação às outras religiões, em especial as afrobrasileiras. Assim,

a memória e a identidade repleta de símbolos e crenças advindos da África é um passado que em sua ressignificação transformou-se numa busca dinâmica pela cultura negra, nossa pesquisa foi calcada na oralidade que pôde enriquecer o nosso trabalho de forma a contribuir aos grupos de pessoas que sofrem discriminações religiosas e intolerância, na maioria das vezes não denunciam tais situações. A importância desta pesquisa para a história é demonstrar que os valores de cada grupo devem ser respeitados, sem julgamentos prévios, sem ao menos terem um conhecimento melhor daquelas pessoas ou grupos religiosos. Mostrar que as religiões afro-brasileiras fazem parte da história de nosso país e cidade. Investigamos o preconceito, para que haja maior abertura e uma busca para o reconhecimento autêntico das diferenças culturais. Isso implica numa nova sensibilidade, contribuindo para a quebra da discriminação entre as pessoas, ficando comprovado que em Goiás existem preconceitos sim, mas todos deveram lutar para sua extinção.

Referências

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- AMARAL, Ester. A Umbanda e o Candomblé como forma de resistência negra na Cidade de Goiás. Monografia, 2003.
- BOBBIO, Norberto. A era dos direitos. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
- DANTAS, Beatriz Góis. Vovó Nagô e papai Branco: usos e abusos da África no Brasil. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 1982.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa: o sistema extêmico na Austrália. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1996.
- FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva, 1877-1945. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraeira Lopes Louro. 11 Eds. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo de 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatística/população/censo2010/>>. Acesso em 22/03/18.
- MACEDO Edir: Orixás, Caboclos & Guias: Deuses Ou demônios? Rio de Janeiro: Editora Unipro, 2001.
- MOURA, Paulo Gomes de. O negro na sociedade e na cultura brasileira. IN: O negro brasileiro: história de opressão. Org. Sarah Taleb Rossi. Goiânia: UCG, 2005.
- NOGUEIRA, Léo Carrer. Umbanda em Goiânia: das origens ao movimento federativo (1948-2003). Dissertação (Mestrado em História). Goiânia: UFG, 2009.

_____. Da África para o Brasil, de Orixá a Egum: as ressignificações de Exu na Umbanda. Tese (Doutorado em História). Goiânia: UFG, 2017.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. Civitas, Porto Alegre, v. 3, nº 1, jun. 2003.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. Estudos Avançados, 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10033>.> Acesso em 20/08/21.

PRANDI, Reginaldo. Segredos Guardados: orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Alberto da costa E.A Manilha e o Libambo: á África e a escravidão, de 1500 A 1700. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SOUZA, Jessé Da. A elite do atraso: da escravidão à lava jato. Rio de janeiro: Leya, 2017.